

BILHETE

Zico.

Vai agosto quase no meio, Zico, e parece que o ano começou ontem. Você andou ameaçado de visita, pois estive quase me animando a ir ao Festival de Veneza; não fui, nem vou; tenho meus motivos, e você riria deles, se os soubesse. Além dessas, secretos, tenho outros, que são o muito trabalho e o pouco dinheiro, mal antigo. No fundo não quero agora viajar; mas sempre é meio melancólico a gente chegar a pensar numa viagem e depois desistir. Sinto-me um tanto borocochô.

Chegaram aqui o Euvaldo Lodi, que vai trazer indústrias italianas para o Brasil, e o Augusto Frederico Schmidt, que deu uma entrevista ao Chico Barbosa. Ainda não li a "Invenção de Orfeu", de Jorge de Lima, que é todo um imenso poema em dez cantos, no meio do qual pessoas avisadas como Carlos Drummond e Paulo Mendes Campos me dizem que há coisas geniais, belíssimas.

Eu mesmo vou publicar um livrinho, "Crônicas do Mar", naqueles cadernos de cultura do nosso Simeão. Um amigo escolheu as crônicas; reli-as, e me deu uma tristeza, vendo o quão pouco há de mar verdadeiro ali dentro. Afinal criei fama de escrever sobre o mar, e não escrevo nada, nem vou ao mar; se criei essa fama é devido à extrema pobreza da literatura marítima brasileira, que não tem muita explicação. O mar de nossos escritores, além de escasso, é, quase sempre, errado, imaginado; abro uma exceção para Vicente de Carvalho; embora poeta, ele era muito objetivo quando falava de mar; não fosse um pescador.

Você já reparou também que brasileiro não tem senso de orientação? Qualquer romancista inglês ao descrever uma casa fala da parte norte, da parte sul, etc. Se você pergunta a um escritor brasileiro para onde é voltada a sua casa ele diz que é voltada para a rua, ora essa.

E' claro que não vejo mal algum nisso; a imprecisão nem sempre é um vício e apenas me irrita um pouco quando o vento começa a soprar errado dentro de um romance. Eu não teria o espírito alerta que teve um leitor, acho que de Erico Veríssimo, que no mesmo instante em que leu uma página em que ele escrevia como o sol, certa manhã, entrara no quarto de seu personagem e depois fôra subindo pela parede, até invadir o quarto todo, bradou que o sol, de manhã, desce das paredes para o chão.

Bem, Zico, hoje estou com uma viva tendência para o léro-léro mais vago. E' evidente que não tenho, no momento, mensagem alguma para transmitir aos meus contemporâneos. Enfim, faço votos para que eles passem bem, e você idem. Um grande abraço.

R.B.

13/8/52